

UM COMBATENTE DO LÁPIS EM VIGÍLIA: AS CRÔNICAS DE BELMONTE CONTRA O AUTORITARISMO

Sandra Maret Scovenna*

O objetivo deste texto é apresentar alguns aspectos das crônicas humorísticas de Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947), mais conhecido por Belmonte. As referidas crônicas foram publicadas nos anos de 1933 e 1934 no jornal *Folha da Noite* e, em 1935, reunidas e lançadas em livro, pela José Olympio, intitulado *Idéas de João Ninguém*.

A análise da obra de Belmonte é profundamente instigante, pois ela resgata os debates, as angústias e as incertezas político-econômicas dos tumultuados anos 30, quando o mundo ocidental parecia ter virado de “pernas para o ar”: havia os abalos da crise estrutural do Capitalismo e o descrédito perante a democracia liberal, sendo que esta última parecia incapaz de fazer frente ao pauperismo econômico e às pressões dos movimentos operários organizados pelos comunistas e anarquistas. Presenciava-se, também, a rápida ascensão dos fascistas na Europa, que receberam amplo apoio das forças armadas, do empresariado e das classes médias de seus respectivos países.

Este texto apresenta algumas crônicas de Belmonte, salientando características e posicionamentos desse autor. Mas antes de imergir em sua rica produção artística, é necessário apontar a importância de Belmonte para a História da Imprensa Brasileira, mais especificamente para a História da Imprensa de São Paulo.

É imprescindível evocar o nome de Belmonte quando se pensa em história e em imprensa. Trabalhando diariamente, entre 1921 e 1947, na *Folha da Noite* e na *Folha da Manhã*, Belmonte foi notável chargista, caricaturista e cronista. Deixou uma vasta obra. Além do livro de crônicas citado, o artista publicara um outro no ano de 1933: *Assim Falou Juca Pato (Aspectos Divertidos de Uma Confusão Dramática)* (SP: Companhia Editora Nacional, 1933). Também foram lançadas coletâneas de suas charges e caricaturas: *Angústias do Juca Pato* (SP: Casa Editora Rochêa, 1926), *No Reino da Confusão* (SP: Edição da Folha da Manhã, 1939), *Música, Maestro!* (SP: Edição da Folha da Ma-

nhã, 1940), *A Guerra do Juca* (SP: Edição do Autor, 1941), *Caricatura dos Tempos* (SP, Edições Melhoramentos, 1948) e *Nada de Novo* (SP, 1949). Belmonte publicou ainda *No Tempo dos Bandeirantes* (SP: Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939). Esse ensaio histórico revela um árduo trabalho de pesquisa e uma profunda riqueza de detalhes na descrição do cotidiano dos moradores de São Paulo de antanho.

As qualidades da obra de Belmonte foram sublinhadas por Nelson Werneck Sodré:

[...] Belmonte, Benedito Bastos Barreto procedeu a um levantamento dos costumes paulistas dos três primeiros séculos com um rigor, uma exatidão, uma riqueza informativa que nenhum compêndio substitui. É toda a vida dos bandeirantes, seus hábitos, suas crenças, suas maneiras de encarar a vida, a administração, a coisa pública, a coisa privada, além dos objetos, as armas, os utensílios, as vestes, os ornamentos, a casa, o que comia, como fazia fogo, que Belmonte apresenta, despretensiosamente. (SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. RJ: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e Ministério da Educação e Cultura, 1960: 72)

As caricaturas e charges de Belmonte são bem mais conhecidas do que suas crônicas. As primeiras serviram como material para dois álbuns comemorativos sobre o artista: *Belmonte Presente* (SP: Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia - DACH - Comissão de Artes Plásticas - MASP, 1978) e *Belmonte 100 anos* (SP: Editora Senac, 1996). Ambas as obras apresentam uma biografia de Belmonte e uma coletânea de suas charges, com especial destaque para a sua criação mais famosa: o personagem Juca Pato.

Há também dois trabalhos acadêmicos sobre as charges e caricaturas de Belmonte. O primeiro, do professor Marcos Silva, versa sobre a produção dele voltada para a crítica da Segunda Guerra Mundial e para a situação política brasileira, profundamente autoritária (A Guerra de Belmonte: humor gráfico e política no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. In: COGGIOLA, Osvaldo [org.], *Segunda Guerra Mundial*. SP: Xamã/FFLCH-USP, 1995). O segundo, bastante interessante também, é o de Andréa de Araújo Nogueira: *Um Juca na Cidade: Representatividade do Personagem Criado por Belmonte na Imprensa Paulista (Folha da Manhã 1925-1927)* (Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Artes do Planalto, da Universidade Estadual Paulista. SP: digitado, 1999).



Juca Pato

Folha da Manhã (São Paulo), 29/10/1933, p. 4

Acervo *Folha da Manhã* pertencente ao AESP - Arquivo do Estado de São Paulo.

Veiculado a partir de 1925 nas charges diárias do jornal *Folha da Manhã*, Juca Pato, personagem rabugento, queixoso e amargurado, vivia cansado de ser espoliado pelos grandes monopólios que controlavam os serviços públicos da sua cidade e pelos poderes governamentais. Andréa de Araújo Nogueira sublinha que o personagem urbano de Juca Pato cativou e representou principalmente as camadas intermediárias dos paulistas, em especial aquelas que residiam na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, ocorria um amplo processo de popularização do personagem.

Outro comentário sobre o Belmonte desenhista, anterior àqueles dois, encontra-se na monumental obra de Herman Lima, *História da Caricatura no Brasil* (RJ: José Olympio, 1963, volume IV). Esse extenso e detalhado trabalho sobre os caricaturistas brasileiros dos séculos XIX e XX foi feito por um escritor e pesquisador de qualidade, ainda que ele não estivesse ligado ao corpo docente ou discente de universidades. Nesse sentido, o trabalho de Lima é singular e, justamente por isso, não representa o grupo daqueles que se dispuseram a comemorar e rememorar Belmonte e nem o grupo de pesquisadores ligados às academias de ensino superior.

Por outro lado, não há trabalho que verse sobre as crônicas de Belmonte. Essa ausência é pouco compreensível, pois o artista produziu tantas crônicas quanto as caricaturas e charges. Afinal, ele foi cronista diário do jornal vespertino *Folha da Noite*. Tão mais difícil se torna compreender tal ausência quando fazemos uma leitura atenta dos escritos de Belmonte. Estes são profundamente inteligentes e irônicos. Percebe-se que o artista

mantinha-se informado dos debates científicos, filosóficos e sobre os acontecimentos políticos que se desenrolavam nas primeiras décadas do século passado. Dentre eles, o inconsciente estudado por Sigmund Freud; o pessimismo de Arthur Schopenhauer; o questionamento da condição humana na modernidade, tida como instável e desconfortável por Friedrich Nietzsche; e o recrudescimento de regimes políticos de exceção, desafiadores impiedosos da democracia liberal.

E o mais interessante é que Belmonte, artista autodidata, passava algumas das idéias e conceitos da cultura erudita por meio de suas produções artísticas, mas sem torná-las por causa disso cansativas ou herméticas. Também não é demais informar que Belmonte lia em alemão, francês, inglês e conhecia invejavelmente bem ilustres representantes da literatura universal: as obras de William Shakespeare, as de Eça de Queiroz, as de vários escritores franceses (Ver a crônica “Port-Tarrascon”. In: Belmonte, *Idéas de João Ninguém*. Edição citada, pp.102-104) e a Bíblia (Referências a ela estão bastante presentes em toda a produção artística de Belmonte, dos desenhos humorísticos às crônicas).

As crônicas de Belmonte foram organizadas em um livro titulado *Idéas de João Ninguém*. Ele tem 231 páginas, 59 crônicas (com duas a quatro páginas cada uma), dois contos e 11 ilustrações de sua autoria.

Idéas de João Ninguém é, na verdade, um protesto às mal-disfarçadas tendências autoritárias do governo presidido por Getúlio Vargas. Belmonte vai costurando, por meio de sua grande erudição e de cômicas relações, inúmeras tramas, nas quais o governo brasileiro é comparado com os regimes políticos autoritários anteriores à sua época (ou contemporâneos a ele). Belmonte relaciona o governo brasileiro com o de Mustafá Kemal, com o de Adolf Hitler e com o de Benito Mussolini, todos eles reconhecidos à época como indubitavelmente autoritários. As crônicas, aparentemente saudosistas, são um chamado à retomada da “velha ordem”, ou seja, da democracia liberal.

No Brasil, especialmente em São Paulo, duas propostas de direcionamento político-econômico digladiavam-se: uma era favorável ao governo provisório, que defendia uma maior centralização político-administrativa e um governo pouco liberal e democrático; e a outra, apoiada em sua grande maioria pelo PD (Partido Democrático de São Paulo) e pela imprensa liberal local, almejava, em linhas gerais, o oposto das diretrizes do governo provisório.

Era o liberalismo que agregava os interesses da elite paulista e ele estava marcadamente ligado à democracia:

A democracia almejada fundamentava-se nos seguintes princípios: individualismo, descentralização do poder, representação política através do voto universal, pluripartidarismo, liberdade em todos os níveis. (CAPELATO, Maria Helena, *Os Arautos do Liberalismo*. SP:Editora Brasiliense, 1989. p. 25)

Entretanto, essa democracia liberal tinha limites de classe muito claros, pois as reivindicações dos trabalhadores, no olhar da burguesia paulista, ora ganhavam contornos paternalistas, ora ganhavam contornos ameaçadores e subversivos, que requeriam a ação repressora da polícia.

As crônicas de Belmonte manifestam apreço pelas idéias de autonomia estadual, liberalismo e democracia e, neste sentido, elas corroboram com a visão de mundo da imprensa paulista liberal e do PD. Por outro lado, Belmonte tem uma análise muito pessoal das propostas político-econômicas da época, o que inviabiliza considerá-lo apenas “mais um liberal com as mesmas idéias”.

Em uma das crônicas da *Folha da Noite* do mês de outubro de 1933, “O Jornal e seus Anúncios”, a reconstitucionalização do Brasil é considerada uma “medida salutar” e a democracia liberal é chamada, sem embargo, de “velha fórmula conservadora” (Belmonte, Op. Cit.: 197). Devemos ficar atentos a esta expressão, usada por Belmonte: para a imprensa liberal paulista de oposição (Além da *Folha da Noite* e da *Folha da Manhã*, *O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo*, *Diário Nacional*, *A Gazeta*, *O Correio Paulistano* e outros. Capelato, Op. Cit.: 11-28). Chamar algo ou alguém de conservador não significava desprestigiá-lo. Ao contrário, esta palavra estava relacionada com ponderação e cautela, absolutamente oposta aos “arroubos” do movimento tenentista e ainda mais distante dos propósitos “radicais” dos comunistas, anarquistas ou fascistas. Ser conservador era cerrar fileiras ao lado da democracia liberal. Portanto, também não é de causar estranhamento que os editores do jornal *OESP* assumam-se publicamente, no final da década de 20, como conservadores (CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. *O Bravo, Matutino*. SP: Editora Alfa-Omega, 1980: 105).

Para os liberais paulistas, além das esquerdas e dos Tenentes, Getúlio Vargas e seus companheiros também figuravam como *personae non gratiae*. Os paulistas se sentiram traídos por seu governo (Capelato, Op. Cit.: 33-34), pois os acordos que ele estabeleceu com o Partido Democrático de São Paulo (via Aliança Liberal) não foram respeitados: os paulistas não conquistaram de pronto o poder estadual; o país não adotou uma Constituição antes de 1934 e, por vezes, a imprensa era censurada. Em 1932, o exército rebelde do Estado de São Paulo teve que amargar uma derrota militar para a “dictadura”, o governo provisório. Além do mais, a permanência de Getúlio Vargas em seu cargo público por meio de uma eleição indireta, em julho de 1934, reacendeu as críticas dos liberais, no sentido deles acusarem-no de abusar do poder pessoal.

O governo Vargas caminhava para a estruturação de uma ditadura, haja vista o seu desdém pela Constituição de 1934, poucos meses depois de ela ter sido promulgada

(GOMES, Ângela Maria de Castro. *Confronto e Compromisso no Processo de Constitucionalização (1930-1935)*. In: História da Civilização Brasileira - Sociedade e política (1930-1964) - volume III. SP: Difusão Européia do Livro, 1984: 73). Ademais, o governo manteve uma relação de respeito com os Integralistas, que, como é sabido, tinham insipiração fascista e eram claramente favoráveis ao autoritarismo. Belmonte, desenhista e cronista incansável do jornal *Folha da Noite*, recusava-se a permanecer em silêncio num período de indagações tão urgentes, quando a democracia liberal parecia suspensa e quase que perdida.

Percebe-se nas crônicas de Belmonte que os inimigos da democracia liberal são desqualificados por chistes, paródias e ironias. O papel destes recursos cômicos é ridicularizar aquele de quem se ri, colocando-o como inferior ao apreciador da obra de arte. Na maior parte das crônicas, nota-se uma ironia profundamente mordaz. Ao mesmo tempo, o humor belmontiano é entrecortado por amarguras ocasionais, sugerindo ao leitor que a realidade é tão desanimadora e complexa que nada mais resta ao homem comum além de resignar-se e rir, ainda que melancolicamente, das desgraças de si mesmo e dos outros.

Em *O Herói Nacional*, a ironia é empregada por Belmonte com brilho e competência. Na ironia,

diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade. O fato de o defeito vir a ser definido por meio da qualidade que se lhe opõe, coloca em evidência e realça o próprio defeito. (Vladimir Propp, *Comicidade e Riso*. SP: Editora Ática, 1993: 125)

Após contar a história de Calígula, que na Roma Imperial humilhou os seus governados ao dar para o seu cavalo um cargo político, fazendo dele cônsul, o autor procura reconfortar seu leitor ao argumentar que esse acontecimento já estava distante há mais de mil anos. Na verdade, as palavras de reconforto são assumidas como farsa, pois a ironia empregada logo em seguida as desacredita. É um tanto risível pensar em uma democracia na qual os problemas são resolvidos “a coice”:

E os romanos - coitados! - não tiveram outro remédio senão aplaudir e curvar-se diante do conceituado quadrúpede.

Isso, porém, aconteceu em Roma, há mais de mil annos. E nós, hoje, nestes tempos democráticos em que os governantes podem ser cavallos, mas em que os cavallos, absolutamente, não governam, ficamos, como o poeta, ‘pallidos de espanto’, diante desse povo altivo e bravo que, por força das circunstancias, se via obrigado a reverenciar e a aplaudir um animal. (*O Herói Nacional*. In: Belmonte, Op. Cit.: 125-126)

As referências ao governo brasileiro como uma ditadura (mal) disfarçada e absurda perpassam quase todo o livro. Na crônica *Gleichschaltung*, publicada na *Folha da Noite* em abril de 1934, Belmonte mostra o potencial da sua verve humorística ao traçar relações entre o governo alemão e o brasileiro. O escritor aponta para o crescente autoritarismo e, quase que profeticamente, esboça algumas das características gerais dos regimes totalitários, alicerçados na propaganda política agressiva e na repressão policial que, em um estágio mais avançado, promovem a despersonalização e a destruição da condição humana:

Gleichschaltung é um neologismo criado pelos hitleristas, sem equivalente em nenhuma outra língua, para indicar o movimento histórico do nacional-socialismo no sentido de estandardizar a mentalidade alemã na ideologia racista. Ou, como explica o Sr. Goebbels, ministro da propaganda, ‘...é a transformação nacional-socialista do Estado, do partido e de todas as associações, o desenho dos primeiros contornos de uma situação que será, um dia, a situação normal da Alemanha quando não houver mais que uma opinião, um só partido e uma convicção.’ (Belmonte, Op. Cit.: 35)

[...] ainda assim, parece difícil que o nacional-socialismo consiga esse objectivo temerário antes de duas ou três gerações. Mesmo assim, já a Alemanha poderá vangloriar-se de ter realizado uma África, porque nós, nestas terras morenas onde a jandaia canta nas copas da carnahuba, ainda teremos que passar um vidinha bem apertada durante quatro gerações. (Ibidem)

Todavia, como quatro gerações são gerações de mais, e como o povo brasileiro não terá paciência de esperar tanto tempo para sahir do buraco em que o meteram os salvadores da pátria, pensa-se em instituir por estas bandas um governo forte, afim de que não haja um suicídio colectivo de quarenta milhões de encalacrados. E, para que não haja queixas e reclamações por parte dos afflictos, a força desse governo que nos promettem consistirá em realizar a ‘gleichschaltung’ cabocla, de jeito que todos os quarenta milhões de encalacrados pensem que não são encalacrados ou, se o pensarem, que não digam nada. (Belmonte, Op. Cit.: 36)

Os comentários zombeteiros do autor conduzem-nos a pensar que estandardizar o pensamento de todo um povo é quase que impossível, e a sua tentativa é “temerária”. Ademais, ao dar prosseguimento à sua crônica, Belmonte descreve a *Gleichschaltung* brasileira como uma cópia bufona da alemã, uma farsa patética:

O que se precisa para a estandardização da opinião e da convicção brasileiras, é de um homem que possua forças ocultas - um hypnotizador, por exemplo. Ora, homens desse gênero não nos faltam. Que se invista, pois, um desses magos, de poderes discricionários, para que elle, lançando do Cattete, sobre o vasto território brasileiro, os seus fluidos magnéticos, exclame a todos nós: [...] O commercio navega em ouro! A industria dorme sobre ouro! O povo come ouro! A Inglaterra deve-nos alguns milhões de esterlinos mas vae pagar-nos! A Norte América deve-nos vários milhões de dollares e já nos está pagando! [...]

E assim por diante. Sob a “ação hypnotica do dictador”, todos nos exclamaríamos, em coro:

Perdoemos as dívidas estrangeiras! Já temos ouro de mais! Não queremos mais nada.
E dessa fôrma, com um só pensamento, uma só convicção e um só ideal, o Brasil seria o El-Dorado do mundo.
Salvo disposições em contrario - porque os nossos credores são difíceis de hypnotizar...
(Belmonte, Op. Cit.: 36-37)

Como sempre, as ironias de Belmonte formam as frases mais brilhante de suas crônicas: “salvadores da pátria” que metem os quarenta milhões de brasileiros da época num buraco e pessoas miseráveis que “comem ouro”, entre outras.

Em uma passagem de *A Trombeta de Josaphat*, o riso é desencadeado pela contraposição de adjetivos opostos que evidenciam os desmandos do poder executivo. O exagero das prerrogativas presidenciais é tão visível que Getúlio Vargas assemelha-se aos déspotas coroados do passado:

O caso não deixa, em verdade, de ser estranho, porque o honrado sr. Getúlio Vargas, chefe permanente do governo provisório já declarou que não autorizou a imigração dos vinte mil assyrios, nem deu licença a ninguem para tratar do assumpto.(Belmonte, Op. Cit.: 25)

Há ainda outras crônicas em que o artista relaciona o governo brasileiro com o autoritarismo, o militarismo e, direta ou indiretamente, com o nazi-fascismo europeu (Ver “Port-Tarrascon”, Os Equívocos, Os Camellos, Os Maus Alumnos, Morrer por Morrer, Carta Aberta, entre outras. In: Belmonte, Op. Cit.). Por outro lado, Belmonte satiriza muito pouco os comunistas e anarquistas. Na verdade, a esquerda está quase que ausente em suas crônicas. Os alvos principais do escritor são os governos de inspiração fascista ou simpáticos a essa inspiração.

A AIB - Ação Integralista Brasileira, fundada em 1932 por Plínio Salgado, viu um crescimento impressionante no número de seus filiados em 1934. No começo desse ano, ela realizou sua primeira conferência na capital do Espírito Santo. Cerca de dois meses depois, sua milícia fez uma demonstração pública, marchando nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, e, no início do ano seguinte, três mil integralistas compareceram ao segundo congresso nacional, em Petrópolis. No final de 1934, o Integralismo tornou-se um movimento político considerável, com cerca de 180 mil membros (LEVINE, Robert. *O Regime de Vargas*. RJ: Nova Fronteira, 1980: 131-147). E já em 1934-35 o Estado de São Paulo tinha o maior número de municípios integralistas: 173 (Levine, Op. Cit.: 144).

Parte da intelectualidade mostrou-se muito receptiva à AIB: Hélio Viana, historiador; Thiers Martins Moreira, do Ministério da Educação; e Gustavo Barroso, escritor

anti-semita declarado, admitido na Academia Brasileira de Letras em 1932. Todos eles se filiaram ao movimento integralista. E alguns intelectuais, como o escritor Alceu de Amoroso Lima e o sociólogo Artur Neiva, sentiam simpatia pelos integralistas. Segundo Robert Levine, acadêmicos e intelectuais passaram a gravitar ao redor da AIB com mais frequência do que em torno da Frente Popular de Roberto Sissón e de Luís Carlos Prestes. Para o mesmo autor, esta constatação não deve causar surpresa. A elite refinada, produto dos meios conservadores, aceitava melhor o apelo moralista e tradicionalista da AIB do que o da ANL. (Levine, Op. Cit.: 141)

Havia muitas personalidades públicas que, embora não fossem associadas à AIB, apoiavam os seus ideais. Nas Forças Armadas, o movimento conseguiu muitos admiradores: os Generais Góes Monteiro (Ministro da Guerra), Meira de Vasconcelos, Pantaleão Pessoa e Newton Cavalcanti. O torturador e chefe de polícia Filinto Müller também demonstrava muita estima pelo Integralismo (Levine, Op. Cit.: 138-141). Alguns industriais de São Paulo, com receio da agitação trabalhista de esquerda, auxiliavam a AIB financeiramente. Outros eram abertamente favoráveis ao regime fascista italiano. O Conde Francisco Matarazzo, por exemplo, ofereceu um milhão de libras para o Movimento da Juventude Fascista e outro milhão de libras para ajudar a política expansionista de Mussolini, que invadia a Etiópia (Levine, Op. Cit.: 144. Ver também: DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. SP: DIFEL, s/d.: 185-186). Crespi, por sua vez, foi agraciado por Mussolini com a Ordem do Trabalho e, posteriormente, foi feito Comendador da Coroa da Itália (Dean, Op. Cit.: 186).

A imprensa liberal também mostrava-se menos receosa com a AIB e o Fascismo do que com as esquerdas. É certo que os editoriais de *O Estado do São Paulo* e das *Folhas (Folha da Manhã e Folha da Noite)* tendiam a condenar a proposta de modificação brusca defendida por comunistas e fascistas (CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. Op. Cit.: 97-109. Ver também: MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de São Paulo (1921-1981)*, SP: IMPRES, 1980: 71-74), ainda que os primeiros, por almejavam a abolição da propriedade privada, despertassem muito mais temor nos liberais.

A maior parte dos editorialistas de *OESP* demonstrava, no início dos anos 30, pouca apreensão com relação ao fascismo. E mesmo depois de 1932, com a criação da AIB, o fascismo nunca se tornou um tema preocupante para eles. Na verdade, o nazi-fascismo desfrutava de uma certa benevolência de *OESP*, que admirava o soerguimento econômico da Alemanha hitlerista e, acima de tudo, via nos regimes de força um instrumento eficaz de combate ao Comunismo (Capelato & Prado, Op. Cit.: 104-104). Em contrapartida, as esquerdas eram os inimigos de toda hora para a grande maioria da imprensa liberal.

Se os membros da AIB não enfrentaram grandes problemas com a imprensa, também não foi muito diferente com o Estado Getulista. Até aproximadamente 1937, a relação entre os integralistas e o governo estava longe de ser complicada; a Lei de Segurança Nacional perseguia duramente as esquerdas, mas pouco importunou a AIB no decorrer de 1935 e 36.

Como colaborador da imprensa liberal paulista, Belmonte foi uma exceção, pois não se importou com os comunistas e anarquistas mas alertou insistentemente a sociedade brasileira para a ameaça da ideologia fascista, que crescia a passos largos em meados dos anos 30. Observador astuto do cenário político europeu, Belmonte captou a potencialidade desumana dos regimes de força. Observador astuto do cenário político brasileiro, o artista percebeu a proximidade entre o governo autoritário de Getúlio Vargas e a AIB, assim como a adesão de muitos intelectuais, jornalistas, empresários e militares ao movimento fascista brasileiro, e não se cansou de denunciá-las, mesmo mediante o risco da censura.

Com seus escritos, Belmonte procurou alertar também aquelas que parecem ter composto a maior parte dos leitores do jornal *Folha da Noite* nos anos 30: as camadas médias urbanas, consideravelmente seduzidas pelo discurso anticomunista dos integralistas (CHAUÍ, Marilena. *Ideologia e Mobilização Popular*. RJ: Paz e Terra, 1978: 102-117).

Entrincheirado em sua mesa de trabalho na *Folha da Noite*, Belmonte, combatente um tanto solitário, ainda que incansável, continuava traçando suas estratégias repletas de palavras ágeis e ironias mordazes. Favorável à democracia, sim; “conservador”, talvez; mas reacionário, jamais.

Recebido em agosto/2007; aprovado em outubro/2007.